

O educador: quem é ele?

Cipriano Carlos Luckesi¹

Artigo publicado na Revista ABC EDUCATIO, nº 50, outubro de 2005, páginas 12 a 16.

1. Os desafios

Nós, os educadores deste país (vou utilizar somente a forma masculina referindo-me tanto aos educadores e como às educadoras, tendo em vista não repetir inúmeras vezes esses dois termos ao longo deste texto), nos confrontamos diariamente com inúmeros desafios, desde os pequenos até os de imensa complexidade e magnitude.

Mais próximos de nós estão os desafios do cotidiano, tais como a sobrevivência, os baixos salários, a violência urbana e rural, condições de escolares inadequadas para o ensino, currículos formais, pressão do vestibular... São inúmeros esses desafios do dia a dia. Além desses, nos confrontamos também com os macro-desafios do presente, tais como o fracasso escolar em larga escala, a sociedade dos meios de comunicação, a globalização, os fenômenos da pós-modernidade, que nos sinalizam a necessidade de encontrar um meio termo adequado entre o coletivo e a singularidade de cada um dos estudantes com os quais nós atuamos.

Os desafios são múltiplos e variados e só poderão ser enfrentados, de forma mais radical, através dos recursos da sociedade civil organizada --- sindicatos, comunidades organizadas, movimentos sociais --- pois que eles necessitam de soluções coletivas. Então, cabe a pergunta: o que nós os educadores podemos fazer frente a todos esses desafios? De um lado, como cidadãos, participar dos movimentos organizados da sociedade, dando força aos procedimentos reivindicatórios por uma sociedade mais justa e equilibrada, mais *saudável*, usando um termo menos definível, porém que expressa o que sentimos. De outro lado, há um papel nosso como educadores em nossas salas de aulas, assim como em nossas escolas. Um papel insubstituível, que só nós podemos exercer, devido ocuparmos esse lugar de educadores, adultos que estão

¹ Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação, FAGED/UFBA Para contato: luckesi@terra.com.br

próximos de crianças, adolescentes e de outros adultos, como sustentadores da formação de novas gerações de seres humanos socialmente inseridos. É sobre a dinâmica desse papel de educador, situado no contexto microsociai, que, por sua vez, interfere no macrosociai, que desejo abordar, a seguir, algumas variáveis que configuram a ação do educador na escola e fora dela.

2. Educador e educando – sujeitos da prática pedagógica

Não há como abordar o educador sem que tenhamos presente o educando. Educador e educando são dois sujeitos de um mesmo processo. Ambos são seres humanos, configurados pelo mesmo conjunto de múltiplas determinações, que vão desde as heranças genéticas, passando pelas relações sócio-culturais e chegando às experiências sutis do sagrado e da espiritualidade.

Somos, ambos, seres vivos e, como tais, apresentamos todas as suas características. Dessas, desejo, neste momento, levar em consideração somente duas: o movimento e da regeneração. Que significa isso?

O movimento se realiza no ser humano sob duas formas: movimento constitutivo e movimento de regeneração. De um lado, *o movimento diz respeito ao processo construtivo do ser humano ao longo da vida*, seja sob o aspecto fisiológico (crescimento físico em tamanho e em complexidade), seja sob o aspecto psicológico (formação de uma personalidade individualizada, capaz de sustentar-se e colocar-se na vida diante de si e dos outros, sem agredir e sem admitir a agressão, vivendo no diálogo e na relação complementar entre as pessoas, constituindo a vida social), seja sob o aspecto espiritual, definido como a capacidade de estar integrado com aquilo que é maior do que a si mesmo --- a vida.

De outro lado, *o movimento diz respeito a nossa capacidade de regeneração*. Tudo o que é vivo pode regenerar-se (restaurar-se) ou encontrar um sistema de compensação, que restabelece o de equilíbrio do organismo. A vida tem a força interna de seguir o seu curso, sempre para frente. Quando encontra um impedimento, que parece ser fatal, ela descobre ou constrói um desvio, que vai gerar um novo equilíbrio. Uma porta fechada, usualmente obriga a busca de outras. Uma possibilidade abortada não destrói as múltiplas possibilidades que a vida tem para

seguir o seu curso. A regeneração ou restauração é uma possibilidade sempre presente onde tem vida.

David Boadella, um educador e psicoterapeuta inglês, diz que, havendo vida, é possível recomeçar. Não iniciamos a trabalhar com o outro ou conosco mesmos por onde não há vida, mas sim por onde há vida. Se quisermos reacender uma fogueira, que queimou durante uma noite inteira, não adianta recomeçar pelas cinzas; é preciso procurar onde existe uma brasa, por menor que seja, e, então, reiniciar a acender a fogueira com sua pujança. E, com certeza, se essa brasinha for cuidada, a força do fogo renascerá a partir dela. Assim também a vida, seja ela biológica, psicológica ou espiritual.

Neste contexto, nem o educando nem o educador são “seres dados prontos”. Todos estamos a caminho, em construção. Todos os dias, o educador está se constituindo, como educador, assim como o educando está se constituindo como educando. São seres em processo. Ambos estão na direção de constituírem-se como seres autônomos e independentes, vivendo na interdependência com os todos os outros; daí a necessidade de uma individuação, que permita a cada um assumir-se como ser individual, mas em relação com todos os outros, pois que nós nos expressamos no mundo como “seres de relação”. Como tal, necessitamos de possuir nossa individuação que nos sustente na relação como os outros, sem invadir o outro, mas também sem permitir a invasão do outro sobre nós mesmos.

Na história biográfica de cada um de nós, atravessamos muitos percalços, tais como traumas, abusos, atitudes agressivas repetidas..., que vão, ao longo do tempo, deixando marcas, que se manifestam como padrões automáticos de conduta, o que quer dizer que, dadas certas condições, reagimos sempre da mesma forma, com a interveniência de uma resposta que nem sempre é aquela que desejávamos; por vezes, são respostas agressivas; por vezes, secas; por vezes, mal-educadas; por vezes, regressivas e infantis... São lacunas ou fixações no nosso passado biográfico que nos marcaram profundamente e nos acompanham, incrustadas em nosso inconsciente, e se expressam em nossos atos diários. Essas experiências manifestam os bloqueios que nos dificultam seguirmos em uma direção que nos parece adequada.

Porém, nada disso é definitivo. Estamos vivos e, por estarmos vivos, temos a possibilidade da regeneração, temos a pequena brasa que ainda está acesa e que, com cuidado,

poderá reacender a fogueira. Certamente que não será a fogueira antiga, pois que essa não existe mais; contudo, será uma nova fogueira, com novas características e com novas possibilidades. Há um ditado popular que é diz que “não adianta chorar o leite derramado”. É verdade, o leite derramado não existe mais, porém, ele pode ser substituído por outro. Para isso, a atitude será “ir para frente”, ao invés de se prender na lamentação. O mais comum de todos nós é nos prendermos na lamentação; com ela, nós não processamos a regeneração, nos prendemos no problema e não na solução. O mais comum para nós todos, em relação a nós mesmos assim como em relação aos outros, é olharmos para o ponto onde não há vida. Aí se assentam as nossas autodesqualificações e as desqualificações dos outros e das situações, como se não houvesse mais nada a ser feito. Então, nos fixamos nas dificuldades e permanecemos prisioneiros delas. Na maior parte das vezes, ao invés de nos elogiarmos e elogiar os outros, nos desqualificamos e desqualificamos os outros, apegando-nos àquilo que já não tem mais vida.

Educadores e educandos, ambos existimos no movimento, seja ele constitutivo ou regenerativo. O que importa, aqui, é compreender que a vida, por si, não tem uma anatomia de aprisionamento e de fixação, mas sim uma anatomia de movimento, constitutivo e/ou curativo. Sem assumir esse entendimento como propósito e prática de vida, dificilmente nós educadores seremos educadores, pois que, sem esse recurso, não teremos ânimo para investir no processo educativo dos nossos educandos, que, como nós, possuem suas idiossincrasias. Se acreditarmos que eles são maus, preguiçosos, desonestos, indisciplinados, não estudiosos..., não faremos nada por eles, pois que estaremos acreditando que, façamos o que fizermos, não vai haver mudança alguma. Ou seja, não estaremos acreditando no movimento de constituição e/ou de regeneração do nosso educando. Em síntese, não estaremos acreditando na vida.

3. Princípios do desenvolvimento do ser humano

Então, o ser humano é um ser em desenvolvimento e David Boadella, na introdução do seu livro *Correntes da vida: uma introdução à Biossíntese* (Summus Editorial, SP), diz que nós nos desenvolvemos através de dois princípios; o *formativo* e o *organizativo*.

O primeiro diz respeito ao fato de que tudo na natureza se *forma* seguindo uma direção que vai do simples para o complexo. O primeiro princípio, de alguma forma, já foi tratado acima, na medida em que assumimos que o ser humano é um ser vivo e, pois, em movimento constitutivo e/ou regenerativo. O autor assim se expressa sobre esse princípio: “O processo formativo na natureza. A emergência de altos níveis de organização a partir de níveis mais baixos é uma lei natural básica num sistema aberto. O princípio da autocura, a alma da terapia [assim como da educação], é uma expressão desta lei”.

Ou seja, na natureza, todas as coisas, e a vida também, constituem-se através do movimento de organização que vai do mais simples para o mais complexo, o que quer dizer que, na natureza, nada vem pronto, mas sim se forma num espaço e ao longo de um determinado tempo. Tanto o processo de formação como o de restauração caminham na direção do simples para o complexo, o que implica que nós e nossos educandos fazemos uma trajetória de desenvolvimento, não somos dados prontos.

Porém, também, na natureza, nada se forma sozinho e, daí, a necessidade do *princípio organizativo*, que diz que tudo, para desenvolver-se, necessita do concurso do meio, daquilo que está em volta do ser que se desenvolve. O “entorno” do ser humano (como de tudo o que existe), pela continência e pelo confronto, contribui para que cada um de nós (e cada existente) ganhe sua forma. Não podemos nos esparramar, sob pena de sermos destrutivos conosco mesmos e com os outros. “Esparramar-nos” significa não termos limites, contornos, seja para garantir nossa individuação, seja para respeitar a individuação do outro.

O princípio organizativo atua na medida em que ele, pelo acolhimento e pelo confronto, nos coloca limites e, então, vamos transitando da nossa condição egocêntrica inicial (tudo é para nós) para uma posição sociocêntrica (onde nós e os outros temos direitos e deveres na dinâmica da vida individual e coletiva), chegando até mesmo à uma experiência amorosa, onde o que norteia nossas ações é o serviço a nós mesmos e aos outros, uma experiência a serviço da vida. Nós, seres humanos, aprendemos e nos desenvolvemos, porque somos ensinados, espontânea ou intencionalmente, através do processo de acolhimento-confronto.

O princípio organizativo se expressa, de um lado, pela continência que cada um de nós necessita para sentir-se seguro e desenvolver-se e, de outro lado, pelo confronto, que coloca

limites. Ninguém de nós desenvolve-se sem espaço continente, que, ao mesmo tempo, acolha e confronte. Nosso primeiro espaço continente, nesta experiência de vida, foi o útero de nossa mãe e, a partir do nosso nascimento, nossos parentes nucleares e próximos continuaram a nos oferecer continência, o que significa, ao mesmo tempo, acolhimento e confronto, garantindo nosso crescimento biológico, psicológico e espiritual. Sem acolhimento (espaço continente) o ser humano não se desenvolve, mas também o mesmo ocorre, caso não seja confrontado amorosamente, tendo em vista transitar do seu estado egocêntrico para um estado sócio-cêntrico e, se possível, para um estado centrado no serviço à vida, na amorosidade. O princípio organizativo é aquele que dá a cada um condições de tornar-se autônomo e, ao mesmo tempo, integrado com os outros.

Nós educadores, na relação pedagógica com nossos educandos, exercemos o papel de princípio organizativo. Assim sendo, necessitamos de acolhê-los e confrontá-los para que possam assumir-se a si mesmos como sujeitos diante de si e dos outros, ou seja, para que possam processar a sua individuação.

Sobre esse princípio, David Boadella assim se expressa: “O processo formativo deve ser potencializado por condições apropriadas. Sem isso, a auto-organização não acontece. Para ter um desenvolvimento saudável, a criança precisa da presença de pais com os quais mantenha um contato constante, capaz de gerar o ‘organizador biológico’ [...], necessário a um crescimento normal”. E, acrescentamos: o educando necessita de um “organizador bio-psico-espiritual”, como condição necessária para o seu desenvolvimento, que se expressa e se realiza através do acolhimento e do confronto.

4. Espaço do processo educativo.

Contudo, os processos da aprendizagem e do desenvolvimento (princípios formativo e organizativo) não se dão no vazio. O espaço educativo tem uma qualidade específica necessária. Boadella acrescenta: “No processo de transformação de padrões de sentimentos e expressões que estão bloqueados, o elemento mais importante é a receptividade viva de outro ser humano”. A *receptividade viva de outro ser humano* é o espaço afetivo e criativo, onde o educando necessita

de ser acolhido e confrontado, tendo em vista seu desenvolvimento. Esse é o espaço no qual o educando pode processar tanto seu movimento de auto-constituição como o seu movimento de regeneração (restauração) daquilo que foi quebrado pelos traumas, abusos e dificuldades da existência. Afinal, enquanto há vida, tudo pode ser constituído, assim como tudo pode ser restaurado, como vimos anteriormente.

Mas, o que significa isso? *Receber vivamente o outro ser humano* significa acolhê-lo, sem qualquer julgamento prévio, como é e não como gostaríamos que ele fosse e, só então, após o acolhimento, se for o caso, ocorrerá a confrontação; significa, simultaneamente, “acolher e confrontar” o educando dentro do processo educativo.

Essas são duas qualidades necessárias para que os princípios formativo e organizativo funcionem no processo de desenvolvimento do ser humano. Sem acolhimento não há educação, mas o mesmo se pode dizer do confronto. Esses atos necessitam de serem praticados de forma dialética, ou seja, acolher-e-confrontar, num mesmo processo. Só acolher pode conduzir à permissividade; só confrontar pode conduzir ao autoritarismo. A arte será atuar dialeticamente, de forma amorosa com, com essas polaridades.

Confrontar significa, amorosamente, respeitando o outro, sinalizar-lhe outras possibilidades de compreender, de viver, de agir, de relacionar-se. Desse modo, confrontar significa dar suporte ao outro para que cresça; conduta diversa da desqualificação ou do castigo.

5. Prática docente

O educador, então, por si, será aquele que oferece condições que potencializam o processo de auto-desenvolvimento do educando. O educador cria o espaço da receptividade viva para o educando, oferecendo-lhe condições para que se sinta num espaço seguro, sem ameaças, julgamentos ou desqualificações, tendo em vista, através de atos e de atividades educativas aprender e, conseqüentemente, desenvolver-se. Nesse contexto, o educando aprende e, por aprender, se desenvolve. Para tanto, necessita desse espaço acolhedor e seguro e de um tempo satisfatório. Afinal, o educando, como indivíduo, na expressão de David Boadella, necessita de

um campo organizacional que lhe dê continência, tendo em vista sustentar-se em seu processo de aprendizagem e desenvolvimento.

Então, educador é aquele que *acolhe, nutre, sustenta e confronta* o educando, tendo em vista oferecer-lhe condições para que construa e, se necessário, restaure o seu caminho na vida, com criatividade e independência.

Acolher, aqui, significa receber cada um como é no estágio em que se encontra no seu processo de desenvolvimento. Não adianta desejar que o educando esteja neste ou naquele estágio, seja deste ou daquele jeito. Ele é como é e, deste modo, necessita de ser acolhido. É necessário que o educador vá até o educando, acolhendo-o, para que, após sentir-se acolhido, ele possa acompanhá-lo por um novo caminho. Acolher é receber amorosamente o outro, sem julgá-lo; onde ele está, para, a partir desse ponto, ter a possibilidade de construí-se e/ou restaurar-se.

Nutrir significa oferecer aos educandos as condições necessárias para a aprendizagem e para o desenvolvimento. São os conteúdos sócio-culturais apresentados, assimilados, exercitados, até se tornarem vida para cada um dos educandos. Isso implica que os conteúdos escolares ultrapassem os pequenos fragmentos de informações sob a modalidade das súmulas dos conhecimentos, já estabelecidos, a serem retidos e repetidos. Essa nutrição, através dos conteúdos, tem a ver com a formação de habilidades que permitam uma compreensão cada vez mais adequada da vida, o que também implica num novo modo de agir. O ato educativo é um ato encarnado e encarnante.

Sustentar significa criar um espaço seguro para que o educando realize o seu caminho dentro da proposta que está sendo feita para ele. Isso quer dizer que o educador é aquele que prepara e sustenta o ambiente e as atividades, tendo em vista o educando poder realizar sua aprendizagem. É o educador que dá vida ao espaço onde trabalha, seja do ponto de vista físico — arrumação, limpeza, ordem, beleza; seja do ponto de vista psicológico — sensação de segurança, atenção, cuidado com as próprias experiências, não julgamento prévio, escuta, diálogo, paciência, espera, confronto amoroso. O espaço da sala de aula deve ser um meio onde o educando possa se sentir sustentado. Ali ele tem um pouso seguro enquanto está na prática escolar de ensino/aprendizagem. Aconteça o que acontecer, ele tem certeza de que, em primeiro lugar, será

acolhido; para, depois, ser reorientado, o que é diferente de ser julgado, reprovado, castigado e excluído.

Por último, o educador é aquele que *confronta* o educando. Nem tudo é possível, nem tudo é adequado; cada um de nós não pode esparramar-se por todos os espaços indefinidamente; em função disso, necessitamos de aprender a convivência e, para tanto, necessitamos de que alguém, um princípio organizativo, nos mostre os limites, nos chame a atenção, nos sinalize os possíveis caminhos da vida. Confrontar não é antagonizar, não é se colocar contra, não é punir; confrontar é sinalizar outra ou outras possibilidades de viver as experiências, de se relacionar com os outros, de se colocar no espaço pessoal e social. Confrontar é uma forma de ensinar a viver e a conviver criativamente com os limites da vida, sem perder a autoridade interna e sem invadir o espaço dos educandos. Confrontar é um ato pedagógico de um adulto que é, ao mesmo tempo, capaz de, amorosamente, acolher e mostrar os limites, para que o educando possa aprender o seu próprio caminho.

Acolher, nutrir, sustentar e confrontar são quatro facetas de um mesmo ato pedagógico. Para uma prática educativa satisfatória, cada um desses atos implica obrigatoriamente no outro. Exercitar um desses papéis do educador, sem praticar o outro, pode trazer distorções. Acolher, sem nutrir, sustentar e confrontar, pode conduzir ao pieguismo; confrontar, sem acolher, nutrir e sustentar, pode conduzir ao autoritarismo.

Nesta perspectiva, o educador, com suas condições próprias, é aquele que dá continência ao educando, para que ele possa realizar o seu processo de aprender, e, por isso, desenvolver-se, com segurança, na direção de sua independência e autonomia. Quando um educando não é acolhido, não pode sentir-se seguro para expressar quem é e como é. Possivelmente, será julgado. Quando não é sustentado, como ele poderá prosseguir? O caminho é “escuro”; necessita de quem lhe dê “as mãos” para que prossiga; necessita do educador como seu parceiro seguro de jornada. Quando não é nutrido, esvai-se na medida em que não recebe “alimentos”. Quanto ele não é confrontado, esparrama-se, e sua personalidade não ganha uma forma suficientemente adequada para viver a independência e autonomia, assim como para conviver com os outros. Deste modo são quatro facetas indissociáveis do mesmo ato.

Para realizar esse papel, o educador necessita de preparar-se, de estar ciente de seus processos e seus limites, estar ciente de seus desejos, de seus estados de ânimo, de suas carências e de suas possibilidades. Sobretudo, o educador necessita de ser amoroso, em primeiro lugar consigo mesmo, o que significa reconhecer-se, acolher-se, nutrir-se, sustentar-se e confrontar-se a si mesmo, na sua permanente auto-educação, sem auto-piedade. O adulto é ético e sustenta-se na justiça para si e para o outro

Na relação pedagógica, o educador é o adulto, que acolhe, nutre, sustenta e confronta amorosamente o educando; nesse papel, ele não pode ter reações infantis como a de uma criança que embirra, se engancha, se defende e agride. No ato pedagógico, o educador deve assumir o seu adulto e estar centrado nele, de tal forma que possa encontrar a melhor solução possível para as situações emergentes. Por vezes, nós educadores, frente a uma situação qualquer, que mobiliza nossas emoções e nossos sentimentos, regredimos psicologicamente e nos enganchamos com as experiências dos nossos educandos; e, então, não dialogamos, não ouvimos, não criamos uma condição comum de construção; mas, impomos nossa vontade autoritária. Aí, não tem educação, porém, sim, disciplinamento externo e aversivo.

Em síntese, o educador é aquele que, assumindo o seu estado de adulto, acolhe, nutre, sustenta e confronta seus educandos, estejam no estado em que estiverem. Um educador, como educador, não poderá e não deverá ser tragado pelos processos emocionais dos educandos, mas sim ser capaz de acolhê-los para, a partir daí, encontrar soluções adequadas para a situação. Um educador tornará educativa qualquer situação com a qual se confronte. Isso é fácil? Não! É difícil. É preciso, treinamento e atenção permanente para exercer esse papel.

6. Conteúdos escolares

Certamente que, neste texto, já não há espaço para um estudo aprofundado sobre os conteúdos escolares, mas importa ter presente que eles devem ser compatíveis com a compreensão pedagógica que assumimos. Os conteúdos deverão servir para a constituição e/ou restauração (regeneração) nossa e dos nossos educandos. Sejam quais forem os conteúdos --- ciências naturais e exatas, ciências sociais, línguas, arte ou outros ---, a meu ver, devem estar

comprometidos com a ciência contemporânea transformada em currículo. Essa seria um cuidadoso estudo a ser feito; certamente, em outro momento.

Contudo, por agora, só desejo sinalizar, sejam quais forem os conteúdos, eles deverão estar a serviço da aprendizagem e, conseqüentemente, do desenvolvimento do educando. Isso significa, de um lado, que a aprendizagem desses conteúdos devem servir à constituição e/ou restauração do educando como ser humano individuado e como cidadão, a serviço de si mesmo e do outro. Aprender os conteúdos não deve ter como objetivo responder provas, obter notas e preparar-se para o vestibular ou coisa semelhante. Aprender os conteúdos é um recurso de auto-formação, constituindo a personalidade e o ser de cada um. Jerone Bruner dizia que o ensino e a aprendizagem, à semelhança do que ocorre na construção de um edifício, apresenta-se como um “andaime”, que vai dando suporte ao educando para que “fique em pé” e se sustente por si mesmo. Aprender os conteúdos é aprender um modo de ser, de ver e de agir no mundo, para o bem de si mesmo e do outro. A matemática permite aprender a lógica das estruturas e suas relações; a geografia e a história permitem aprender a compreender o espaço e o tempo e com eles viver da melhor forma possível, as línguas permitem aprender a expressividade para si mesmo e para o outro, a arte permite aprender a reconhecer e a expressar o belo, a educação física permite cuidar-se de si mesmo e da vida biológica como recurso de uma vida saudável; do mesmo modo seguirão os significados de outras disciplinas. Todas elas foram constituídas como áreas de conhecimento e de compreensão da vida, tendo em vista torná-la mais saudável. E, desta forma, deverão ser ensinadas pelos educadores e aprendidas pelos educandos, para que cada um possa processar a sua *formação, organizando-se* na continência da receptividade viva do seu educador.

Acredito que necessitamos de olhar para os conteúdos escolares como recursos fundamentais pelos quais os educandos se formam e se desenvolvem e não simplesmente como um conjunto de informações que deverão ser retidas e, depois, repetidas nas provas. Os conteúdos escolares são expressões de experiências vivas, que, em interação com a experiência do educando, permitem-lhe constituir-se como ser humano e como cidadão. A aprendizagem, então, não será somente cognitiva, mas, muito além disso, será vital, onde se fará presente corpo, mente e coração, o que inclui a cognição, porém, sem dissociá-la de tudo o mais.

7. Fechando

Quem é o educador? Certamente que um cidadão, que também se confronta com os desafios que todos os outros cidadãos enfrentam. Contudo, além disso, é um profissional especializado para a atividade de relação com o outro no seu ensino e na sua aprendizagem, tendo como consequência seu desenvolvimento. Isso significa que o educador é um profissional que investe no processo do educando, ciente de que ele, efetivamente, necessita de aprender. Isso significa, para educando, muito mais do que ser aprovado em exames escolares; significa aprender para tornar-se um cidadão saudável para si mesmo e na convivência com os outros, capaz de assegurar-se de seu lugar na vida e nas relações com os outros, ciente de que os outros também necessitam desse lugar na vida e em suas relações. Esse é o papel, infinitamente significativo, para o qual nós educadores somos chamados: na relação educativa, criar e oferecer condições que potencializem a aprendizagem e o desenvolvimento do educando, para que se assuma como indivíduo e como cidadão.